

www.galeriasmunicipais.pt

Galerias Municipais – Torreão Nascente da Cordoaria Nacional  
Avenida da Índia, 1300-299 Lisboa

Terça a domingo 10h-13h e 14h-18h  
Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação  
mediacao@galeriasmunicipais.pt



Torreão Nascente da  
Cordoaria Nacional

# Resistência Visual Generalizada – Livros de Fotografia e Movimentos de Libertação: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde

Daniel Barroca, Filipa César e Sónia Vaz  
Borges, Welket Bungué, Augusta Conchiglia,  
Moira Forjaz, Silvestre Pestana, Grupo Zero

SAISON TEMPORADA  
FRANCE PORTUGAL  
PORTUGAL FRANÇA  
2022



Evento organizado no âmbito da Temporada Portugal-França 2022



curadoria  
Catarina Boieiro  
e Raquel Schefer

28.09 – 27.11.2022

Entre 1961 e 1974, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) travam guerras de Libertação contra o sistema fascista e colonial português. Fundados entre 1956 e 1962, os três movimentos lutam pela independência após quase cinco séculos de dominação colonial e de resistência. No contexto dos processos de descolonização e dos nacionalismos africanos do pós-guerra, o Estado Novo recusa a auto-determinação dos territórios ocupados. Frente à resistência proto-nacionalista e, mais tarde, nacionalista, as forças coloniais perpetram uma série de massacres, como o Massacre de Mueda, no Norte de Moçambique, em 1960. A Revolução de 1974-1975 põe fim ao Estado Novo e abre caminho às independências. A Guiné-Bissau torna-se independente em 1974, seguida de Moçambique e Angola no ano seguinte. Nestes dois países, após as independências, desenrolam-se guerras civis internacionalizadas no quadro da Guerra Fria.

As lutas anti-coloniais inscrevem-se num contexto de libertação transnacional em que a descolonização política é considerada indissociável da descolonização cultural, estética e epistemológica. As Revoluções africanas são um período de libertação da palavra, da imagem e das formas de representação. A cultura visual deste período evidencia a vocação da arte para reflectir e, ao mesmo tempo, transformar o campo social. A própria luta de libertação é vista como um acto cultural. Para Amílcar Cabral, líder do PAIGC assassinado em 1973, a luta de libertação é, em si mesma, um “facto cultural” e um “factor de cultura”. Vinculada à esfera da produção simbólica, a luta de libertação é um “facto cultural” na medida em que o colonialismo denega a existência da cultura colonizada. É um “factor de cultura” porque se considera que a transformação da esfera da produção simbólica e da infra-estrutura ocorre no seu transcurso, ainda antes da independência. Para Cabral, a resistência política é uma forma de resistência cultural, do mesmo modo que a resistência cultural é uma forma de resistência política.

À luz da teoria da cultura de Cabral, as formas culturais emergem de uma relação de reciprocidade dialéctica com a base material da sociedade. As formas culturais reflectem, antecipam e provocam a transformação social. Esta concepção pressupõe uma relação dialéctica entre o conteúdo e a forma, o saber e a acção.

No contexto da cultura de solidariedade internacionalista das décadas de 1960 e 1970, as lutas de libertação despertam o interesse de fotógrafos e cineastas, como Augusta Conchiglia e Sarah Maldoror. A revista, o livro, a fotografia e o cinema são vistos como instrumentos fundamentais para mobilizar o apoio popular, difundir a luta pela descolonização a nível internacional e denunciar a propaganda do Estado Novo, dando visibilidade aos massacres perpetrados pelo exército colonial português, como o Massacre de Wiriyamu, em Moçambique, em 1972. Paralelamente, demonstram a existência das Zonas Libertadas de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique, terreno de experimentação das estruturas e das dinâmicas económico-sociais das nações por vir. José Luís Cabaço define as Zonas Libertadas de Moçambique como o “laboratório científico” do país que se tornaria independente em 1975. Fotógrafos como Conchiglia, Knut Andreassen e Tadahiro Ogawa documentam a luta de libertação e a vida nas Zonas Libertadas, conferindo especial atenção aos projectos de pedagogia radical que ali eram desenvolvidos.

Em Portugal, jovens refractários e desertores recusam-se a participar na guerra e exilam-se em França e noutros países. A luta contra a ditadura e o colonialismo amplia-se internacionalmente. Os exilados aliam-se com movimentos e organizações políticas no estrangeiro, num contexto em que a luta de classes e a luta anti-colonial são entendidas como uma só luta.

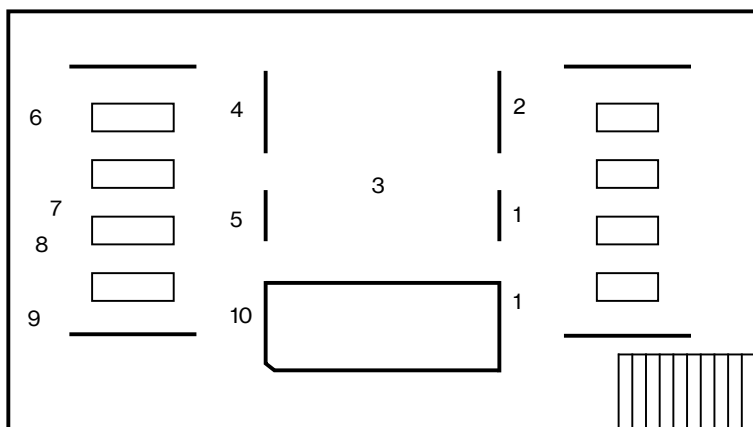
Depois das independências, outros livros de fotografia documentam o processo de construção dos Estados-nação. Entre o militantismo e a experimentação formal, estas publicações restituem a dimensão sensível dos primeiros anos de independência, período marcado pela adopção de modelos políticos marxistas-leninistas e pela busca de uma imagem descolonizada. Alguns deles colectivos e anónimos, outros editados no estrangeiro, estes livros cristalizam aspirações e ambivalências através de uma grande inventividade formal.

Procura-se também descolonizar a linguagem cinematográfica. Em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique são fundados institutos públicos de cinema com o objectivo de reestruturar e universalizar a produção cinematográfica e os modos de distribuição. A produtora Sonimage de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville procura desenvolver em Moçambique um canal público de televisão assente em modos de produção e distribuição colectivos e horizontais. O ensaio fotográfico

publicado no número 300 da revista *Cahiers du cinéma* é um dos poucos traços desse projecto que se inscreve num contexto histórico de tensão entre experimentação e propaganda.

Reunindo um conjunto inédito de livros, fotografias e documentos produzidos entre as décadas de 1960 e 1980, esta exposição desenha uma constelação espacial e temporal da estética de Libertação, explorando as suas ramificações, como o caso da cooperativa cinematográfica Grupo Zero, em Portugal. Traçam-se paralelismos temáticos e formais entre a cultura visual das décadas de 1960 e 1970 e as práticas artísticas contemporâneas. As obras de Daniel Barroca, Welket Bungué, Silvestre Pestana, Filipa César e Sónia Vaz Borges reflectem sobre a história e a memória desse período, reelaboram as formas visuais da estética de Libertação ou examinam a persistência de estruturas coloniais no presente.

Catarina Boieiro e Raquel Schefer  
Curadoras



1. Augusta Conchiglia  
*Sem título*, 1968–1969  
 Série de fotografias realizadas na província do Moxico, Angola  
 Impressões fotográficas, cópias de exposição (2021), 24 x 30 cm  
 Cortesia Augusta Conchiglia, Catarina Boieiro e Raquel Schefer

Esta série realizada em 1968 marca a primeira reportagem fotográfica sobre a guerra anti-colonial em Angola, recolhida nas edições italiana e franco-suíça do livro *A Guerra do Povo em Angola*. As fotografias das crianças que receberam os primeiros manuais de alfabetização foram realizadas durante uma segunda viagem à província do Moxico, de Dezembro a Fevereiro de 1969.

Da esquerda para a direita (texto de Augusta Conchiglia):

a) Jovens recrutas angolanos durante os primeiros treinos militares. À cabeça, Bela, uma estudante do liceu que tinha deixado a capital dois anos antes.

b) Apesar das centenas de quilómetros que separam a fronteira com a Zâmbia

das bases da região do norte do Moxico, os novos manuais escolares desenhados e impressos pelos responsáveis pelo Centro de Estudos Angolanos de Argel foram transportados até ao seu destino.

c) Domingos Oliveira em 1968, numa base do MPLA. Alguns anos depois, interpretou a personagem principal de *Sambizanga*, filme de Sarah Maldoror, cujo guião se baseia no romance *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, do escritor José Luandino Vieira.

d) A alfabetização das mulheres nas zonas rurais é, em algumas bases do MPLA, uma actividade muito popular que frequentemente envolve como professoras mulheres das áreas urbanas que aderiram ao movimento de libertação.

e) A maternidade é compatível com a aprendizagem da escrita. O ensino é principalmente em português, futura língua oficial nacional. Na região, já há tradutores que ajudam os comandantes do Exército de Libertação a comunicar com a população local, incluindo em Tchokwé e Nganguela.

f) A jovem Luzia (Inga) Inglês juntou-se às bases do MPLA no leste de Angola em 1967. Esta fotografia deu a volta ao mundo rapidamente. Sarah Maldoror e William Klein escolheram-na para testemunhar o desenrolar da luta de libertação nos seus filmes *Monagambée* (1968) e *Festival Panafricain d'Alger* (1969) respectivamente. Após a independência, (Inga) ocupou vários cargos políticos, incluindo a presidência da Organização da Mulher Angolana (OMA).

g) Este estudante, descalço como a maioria dos seus camaradas, escreve “guerrilheiro” na ardósia com uma bela caligrafia.

h) Saber ler é uma fonte de orgulho para estes adolescentes.

i) Desde o início da insurreição contra a ocupação estrangeira em 1961, foi a abertura da Frente Leste em 1966 – após a independência da vizinha Zâmbia – que permitiu a criação de bases permanentes que oferecem educação primária às crianças e um mínimo de assistência sanitária. No norte da província do Moxico, a sul da Linha Ferroviária Trans-Africana (que liga Lobito, em Angola, à Beira, Moçambique), crianças de aldeias próximas das bases do MPLA frequentam a escola pela primeira vez.

j) A inexistência de estruturas não afecta as actividades escolares. Aqui, um combatente com estudos superiores, Saydi Mingas, assegura a lição. Foi nomeado Ministro das Finanças após a independência, em 1975.

k) Graças a uma pedagogia moderna e a ilustrações cativantes, o livro é apreciado pelos jovens estudantes.

2. Filipa César e Sónia Vaz Borges  
*Navigating the Pilot School*, 2016-2021  
 Instalação composta pelo filme *Navigating the Pilot School* (2016, 12', vídeo, cor, som), impressões sobre papel de algodão, estante em contraplacado, um texto, dimensões variáveis  
 Cortesia das artistas

As fotografias e documentos de arquivo aqui reunidos, assim como o filme realizado em 2016, abordam o projecto de pedagogia militante do PAIGC na Guiné-Bissau, inspirado nas ideias de Amílcar Cabral. O PAIGC fundou três tipos de escolas nas zonas libertadas: escolas de base de guerrilha, escolas do mato e escolas de “tabanca” (aldeia em crioulo), bem como escolas piloto na Guiné-Conacri e no Senegal e internatos para crianças na Guiné-Bissau. No início da Guerra de Libertação, em 1963, 99% da população era analfabeta. Este projecto educativo pretende lançar as bases da sociedade por vir, muitas vezes através de novos modelos de pedagogia, inspirados nos métodos do pedagogo radical brasileiro Paulo Freire. As fotografias foram realizadas pelo fotógrafo norueguês Knut Andreassen durante a visita de uma delegação sueca às zonas libertadas. Após esta viagem, Andreassen e Birgitta Dahl publicaram um livro de fotografia e texto intitulado *Guiné-Bissau: reportagem sobre um país e um movimento de libertação* (Estocolmo: Prisma, 1971).

3. Filmes de Sarah Maldoror (programa partilhado com a exposição *Sarah Maldoror: Cinema Tricontinental*)

Sarah Maldoror  
*Wifredo Lam*, 1980  
 França, 4'  
 Cortesia de Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Sarah Maldoror  
*Regards de Mémoire*, 2003  
França, Guiana, 24'  
Cortesia de Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Sarah Maldoror  
*Léon-Gontran Damas*, Argélia, 26'  
Cortesia de Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Sarah Maldoror  
*Toto Bissainthe*, 1984, França, 4'  
Cortesia de Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Sarah Maldoror  
*Et les chiens se taisaient [E os cães deixaram de ladrar]*, 1974, França, 13'  
Cortesia de Annouchka de Andrade e Henda Ducados e Centre national de la recherche scientifique

Sarah Maldoror  
*Un masque à Paris – Louis Aragon [Uma máscara em Paris – Louis Aragon]*, 1978  
França, 20'  
Cortesia de Annouchka de Andrade e Henda Ducados

Sarah Maldoror  
*Monangambee*, 1969  
Baseado no conto *O fato completo de Lucas Matesso* de Luandino Vieira, Argélia, 17'  
Cortesia de Annouchka de Andrade e Henda Ducados e Arsenal - Institut für Film und Videokunst, Berlin

4.  
Moira Forjaz  
Da série *Mozambique 1975-1985*  
Impressões fotográficas (2022), p&b,  
32 x 22 cm  
Cortesia da artista

Da esquerda para a direita (texto de Moira Forjaz):

a) Samora Machel  
O Presidente Samora Machel está completamente à vontade neste comício de 1977, sorrindo aos participantes que enchem a Praça da Independência no centro de Maputo, feliz com o futuro que se afigura radioso. Toda a gente ia sempre ouvir Machel, porque era um orador brilhante e só convocava comícios quando tinha um aspecto específico a transmitir – uma mudança política, uma solução para um problema nacional, uma perspectiva para a nação...

b) Graça Machel  
Graça Machel é aqui vista em visita a Chilembene, a grande aldeia do município de Chökwe/Bilene na Província de Gaza, onde o seu marido Samora Machel nasceu e cresceu. Os pais de Samora Machel foram mais tarde obrigados a mudar-se para outro lugar sob vigilância da polícia local. Após a independência, Samora construiu um novo complexo familiar que, juntamente com a sua mulher e filhos, visitava frequentemente.

c) Graça Machel  
Graça Machel dança com membros da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) após ter sido eleita Presidente da organização no primeiro congresso que se seguiu à independência. A enxada, o utensílio mais representativo das mulheres em toda África, é colocada em evidência, mas o novo símbolo oficial combina-a com um martelo, remetendo para as aspirações relativas ao avanço profissional feminino noutros sectores da economia.

d) Miriam Makeba  
Miriam Makeba foi uma das convidadas de honra do Festival de Música Tradicional em Maputo, em 1980. Abriu o festival com uma canção composta pouco antes, intitulada “Moçambique - A luta continua”.

e) Cidade de Pedra

f) João Costa (Funcho)  
Funcho chegou a Moçambique com os seus pais quando era bebé. O pai era um oficial do exército português; os seus traços asiáticos são atribuídos à mãe, de origem japonesa. Estudou engenharia e trabalhou, mais tarde, como fotógrafo médico na universidade. Depois da independência, formou-se no Instituto Nacional de Cinema (INC) como director de fotografia e operador de câmara e filmou uma parte considerável dos documentários e actualidades deste período. Como director de fotografia, recebeu vários prémios por curtas- e longas-metragens e trabalhou em toda a África Austral.

g) Jean-Luc Godard  
Godard tinha sido convidado a dar um curso de cinema a jovens alunos com o intuito de contribuir para a criação do cinema em Moçambique. Apanhei-o numa pose que lhe era característica, fumando enquanto ouve e reflecte, talvez sobre a sua sessão de trabalho na Universidade Eduardo Mondlane.

h) Chilembene Província de Gaza  
Estudantes das escolas locais encenam uma suposta parada militar para dar as boas-vindas a Samora Machel, que ali tinha chegado para passar uma temporada com a sua família.

i) Mineiros de Carvão  
Eu e o Kok Nam fomos enviados para Moatize para investigar o desastre mineiro de 1977. Foi uma missão difícil; os mineiros mostravam-se tensos e desconfiados. Estávamos ali para verificar as condições da mina.

5.  
Cartazes da OSPAAAL - Organização de Solidariedade com os Povos da Ásia, de África e da América Latina

Lázaro Abreu  
*Sem título*, 1968  
Offset, 33 x 53 cm

Heriberto Echeverría  
*Sem título*, 1971  
Offset, 33 x 53 cm

Lucio Martínez  
*Sem título*, 1972  
Offset, 33 x 53 cm

Daysi García  
*Sem título*, 1969  
Offset, 33 x 56 cm

Coleção Hubert Cavanio e cortesia do Musée de l'histoire de l'immigration, Paris

Fundada em 1966, em Havana, durante a Conferência Tricontinental, a Organização de Solidariedade com os Povos da Ásia, de África e da América Latina (OSPAAAL) procura estabelecer ligações entre os movimentos de libertação internacionais tendo em vista a revolução mundial. Actuando também nas esferas da arte e da cultura, a OSPAAAL produziu uma série de cartazes sobre as lutas de libertação de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique. O design inventivo dos cartazes exemplifica as articulações entre engajamento político e inventividade estética que caracterizam a produção visual cubana e internacionalista deste período histórico.

6.  
Grupo Zero (coord. Solveig Nordlund)  
*A Luta do Povo: Alfabetização em Santa Catarina*, 1976  
P&b, som, 29'  
Cópia preservada em 2004 a partir do negativo 16mm de som e imagem  
Com: Alfredo Martins e a população da aldeia de Santa Catarina, Alentejo  
Cortesia de Solveig Nordlund e da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

Exemplificando o entrelaçamento entre um conteúdo político e uma forma experimental (ou a indissociabilidade entre ambos), este filme constitui um importante documento sobre a história das cooperativas – de trabalhadores e de cineastas – no contexto do PPREC, em Portugal. Paralelismos temáticos e formais ligam esta produção do Grupo Zero aos cinemas revolucionários que neste período proliferam mundialmente. Tal como noutros objectos da exposição, a alfabetização popular surge como uma das mais importantes frentes de luta do processo revolucionário.

“Alfredo, trabalhador rural, aprende a ler e a escrever. Seguimos o seu trabalho na cooperativa Nova Esperança durante o dia e a sua luta para aprender a ler e a escrever durante a noite. Alfredo fala-nos do seu passado e de como o 25 de Abril mudou a sua vida. Acredita que compreenderá melhor a vida e a sociedade quando aprender a ler. Um mês e meio mais tarde, voltámos à aldeia de Alfredo para mostrar o material filmado. Deparamo-nos com um novo Alfredo, mais seguro de si, capaz de assinar o nome quando a sua cooperativa é legalizada no notário. No seu conjunto, a aldeia faz, então, um balanço do primeiro ano da Reforma Agrária. O filme foi realizado entre Abril e Junho de 1976.”  
– Grupo Zero

7.  
Daniel Barroca  
*Uma distância perfurada*, 2011  
Agulhas em impressão a jato de tinta montada em MDF, 20,5 x 29 x 39 cm  
Cortesia do artista

8.  
Daniel Barroca  
*Olho*, 2022  
Ferro e olhos prostéticos, 50 x 20 x 153 cm  
Cortesia do artista

No seu trabalho, Daniel Barroca interroga a experiência e a memória dos soldados portugueses que combateram os movimentos de libertação. É a partir de um espaço auto-biográfico - o artista é filho de um ex-combatente do exército colonial na Guiné-Bissau - que Barroca questiona os processos de construção e de organização do olhar, apontando para a possibilidade de uma desperspectivação sensível da narrativa histórica dominante.

9.  
Welket Bungué  
*Eu não sou Pilatus*, 2019  
11', vídeo, cor, som  
Cortesia do artista

Este “filme-intervenção” foi realizado a partir de dois vídeos virais filmados em Portugal em 2019. O filme revisita cenas de racismo e de violência policial que desencadearam um importante debate público sobre o racismo estrutural em Portugal.

10.  
Silvestre Pestana  
*Necro Eco Pietà*, 1979  
Série de dez fotografias a preto e branco, 28x18,5 cm (4); 18,5x28cm (6)  
Colecção de Serralves. Cortesia do artista

“A performance *Necro Eco Pietà* integrou um conjunto de acções performativas em homenagem a Fernando Pessoa no dia do seu aniversário a 13 de Junho de 1977 que tiveram lugar no Palco do Auditório da Faculdade de Belas Artes do Porto (antiga ESBAP). As fotografias documentam o registo da obra de vídeoarte homónima realizada no mesmo ano lectivo no estúdio de Cine Vídeo da ESBAP.” – Silvestre Pestana  
Na performance *Necro Eco Pietà*, Silvestre Pestana, exilado na Suécia durante o

último período do Estado Novo e antigo refractário, reflecte sobre a guerra e as relações entre o humano e o maquínico. A performance opera um *détournement* da iconografia e da iconologia da figura da Pietà.

## Agradecimentos

As curadoras agradecem aos artistas, Ben Krewinkel, Cláudio Melo, Gérald Collas, Ginette Lavigne, Hugo dos Santos, Jeanne Mercier, Miguel Magalhães, Philippe Azoury, Vasco Martins, Ilda Nunes, Marie Christine Volovitch-Tavares, Manuel Tavares e a todos os membros da Association Mémoire Vive Memória Viva, Franck Veyron e La Contemporaine, Nuno Vassallo e Silva, Ophélie Julien-Laferrrière e Fundação Calouste Gulbenkian – Delegação em França, Zahia Rahmani e Institut national d'histoire de l'art (Paris), Institut pour la Photographie (Lille), Tiago Baptista e Sara Moreira (Cinemateca Portuguesa) e a toda a equipa das Galerias Municipais de Lisboa.

Ana e Carlos Alonso (Carlos Alonso Douro Wine Company), Celeste Cerqueira, Inês Soares, Ishbel Tunnadine, Julien Frydman, Lúcia Ramos Monteiro, Maria do Carmo Piçarra e José da Costa Ramos, Marta Lança, Octávio Espírito Santo, Raquel Rato, Rita Forjaz, Rita Rato e Valentina Pelayo Atilano.

## Eventos

14.10.22 / 16h - 19h  
Visita guiada à exposição pelas curadoras Catarina Boeiro e Raquel Schefer (16h), seguida de conversa com os artistas Daniel Barroca e Silvestre Pestana (17h).